

PERCEPÇÃO DE LUGARES DA MEMÓRIA URBANA NA REGIÃO CENTRAL DE FLORIANÓPOLIS

Denise Ouriques Medeiros¹

Richard Perassi Luiz de Sousa²

Tarcísio Vanzin³

***Abstract:** This article deals with the characterization of the places of urban memory perceived in the central region of Florianópolis. It aims to list the perceptions of a small group selected from a common interest in the local culture, and more especially in the history of the urban center. Based on their stories and findings, it is intended to evaluate how urban transformations shape the perceptions of individuals about places and, possibly, it could be perceived how this influences their actions as citizens in the urban environment. Evoking not only nostalgia, the study aimed, at first, to record these memories, and then to make people realize how they are more attached not only to what brought them good memories, but to what remained for a continuous period, showing that the tradition of certain practices can create and maintain this sense of identity and rootedness.*

***Keywords:** memory places; urban memory; personal history; City.*

Resumo: Este artigo trata da caracterização dos lugares da memória urbana percebidos na região central de Florianópolis. Ele objetiva elencar as percepções de um pequeno grupo selecionado a partir do interesse em comum pela cultura local, e mais especialmente pela história do centro urbano. A partir de suas histórias e constatações pretende-se avaliar como as transformações urbanas moldam as percepções dos indivíduos sobre os lugares e, possivelmente, poder-se-ia perceber como isto influencia suas ações como cidadãos no ambiente urbano. Evocando não apenas o saudosismo, o estudo objetivou, num primeiro momento, registrar estas memórias, e depois, fazer perceber como os indivíduos estão mais

1 Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-7396-1991>. E-mail: deniseouriques@yahoo.com.br

2 Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-0696-4110>. E-mail: richard.perassi@uol.com.br

3 Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-8121-3398>. E-mail: tvanzin@yahoo.com.br

apegados não só ao que lhes trouxe boas memórias, mas ao que se manteve por um período contínuo, mostrando que a tradição de determinadas práticas pode criar e manter esta sensação de identidade e enraizamento.

Palavras-chave: lugares da memória; memória urbana; história pessoal; cidade.

1 JUSTIFICATIVA E GÊNESE

Este artigo trata da caracterização dos lugares da memória urbana percebidos na região central de Florianópolis. Ele objetiva elencar as percepções de um pequeno grupo selecionado a partir do interesse em comum pela cultura local, e mais especialmente pela história do centro urbano dessa cidade. O que aqui se apresenta é um pequeno estudo amostral que pode ser ampliado em uma pesquisa maior, referenciada, para ser usada em projeções de roteiros culturais, históricos ou turísticos.

Com essa informação é possível a organização de material de apoio para a disseminação de conhecimento sobre a memória urbana e a criação de um roteiro da região central de Florianópolis. O acesso a esse conhecimento e o debate estimulam a participação da comunidade nas discussões e propostas de redefinição do uso social dos bens culturais, o que promove a valorização da história pela população e aumenta sua autoestima e participação no exercício da cidadania.

A informação acerca da memória urbana do território não é uma ferramenta incentivada pelas estratégias das elites dominadoras. Como elemento de suporte à educação patrimonial e disseminador de conhecimento histórico-cultural de Florianópolis, esta pesquisa é de interesse ao morador local, aos cidadãos das adjacências que circulam na região central da cidade em suas atividades cotidianas, aos novos habitantes da cidade que chegam nos fluxos migratórios recentes, ao turista, entre outros.

1.1 ESCOPO DO TRABALHO

Para Claval (2001, p. 219), “o ambiente só tem existência social através da maneira como os grupos humanos o concebem, analisam e percebem suas possibilidades e através das técnicas que permitam explorá-lo”.

A composição dessa identidade de lugar advém da apropriação do espaço. E essa apropriação, por sua vez, é processada como o sentimento de possuir e gestionar um espaço por uso habitual ou por identificação. “Um sujeito, ao apropriar-se de um lugar, com o tempo, deixa

sua marca e, ao transformá-lo, inicia um processo de reapropriação com o ambiente, colocando nele objetos com o qual se identifica”.

“Os processos de apropriação são complexos e se dividem em dois aspectos fundamentais: comportamentais de ação-transformação e de identidade de lugar simbólica – identidade do sujeito com o espaço, na qual se incluem os processos afetivos, cognitivos e interativos” (Gonçalves, 2007, p. 28-29).

Essa identidade é formada através da memória, e não só a memória do indivíduo, mas também o que lhe é transmitido, a história de seus antepassados ou de outros que viveram antes dele naquele território.

O poeta do meio urbano tem uma atitude que influencia a forma de percepção que o observador – artista – tem de seu objeto – a cidade. Nesse aspecto, é interessante observar que o *flâneur* não é mais uma figura fechada em si. Ele pode aparecer em brechas no tempo em que o cidadão comum permite-se experimentar. Então não há mais divisões entre os passantes apressados entregues ao regime severo das divisões do tempo e os passantes que, em momentos lúdicos, podem viver a experiência dessa vivência *flâneur*, como uma prerrogativa da pós-modernidade. Há muitas tribos, muitos nichos, e ninguém precisa viver hermeticamente nas escolhas ou imposições da rotina de sua vida diária.

Azevedo (2013) recupera o pensamento do geógrafo brasileiro Milton Santos, cujas ideias reagiram à crença na relação entre a inteligência do mundo e as qualidades dos homens mais velozes, porque observara que, nas cidades, predomina o tempo dos homens lentos, que se apartam da correria para pensar, agir e direcionar os eventos. “Os homens lentos têm outra maneira de se apropriar da cidade, subvertem o modo permitido e o tempo acelerado a partir das práticas de desvio (Azevedo, 2013, p. 143).

A descrição de territórios e de grupos sociais acontece no mundo todo com diversos experimentos, embora nem todos estejam associados à integração na memória urbana de forma explícita, o patrimônio perpassa essas percepções todos os momentos.

Todos estes significados, vale salientar, são válidos para a cultural ocidental atual, pois, conforme nos lembra Pimenta (1999, p. 68), na Alta Idade Média, por exemplo, eram raras as pessoas que se atreviam a sair a sós pelo campo ou pelas aldeias: “quem não manifestava pertencer a um grupo de amigos era rapidamente considerado criminoso ou louco”. Ao longo da história, a partir dos descobrimentos científicos e significativas mudanças de paradigmas, desenrolou-se um longo processo. Hoje, com a imensa complexidade que possuem os territórios urbanos, podem-se encontrar referências até a ‘exploradores urbanos’ – pessoas que saem em

busca de novos territórios e experiências dentro da própria cidade onde habitam. Flusser (2007, p. 131) destaca que um mapa pode conter também situações desejadas, futuras, projeções.

Sevcenko (2001, p. 128) critica a apropriação da cultura pelas elites dominantes, onde “dentro dos museus e centros culturais se cultua um passado sacralizado ou um presente embalado no cristal líquido da novidade. Ao redor, os serviços públicos fenecem, as possibilidades de promoção social se apagam, o espaço urbano se degrada”. Neste sentido, a apropriação do espaço urbano, mesmo que sob a ótica perceptiva na forma de um atlas subjetivo, é o resgate da própria cultura humana.

1.2 MEMÓRIA URBANA

Percebe-se que a função de conhecimento é primeiramente associada à função estética da imagem, ao proporcionar sensações específicas (*aisthesis*) ao seu espectador. Gombrich (1995, p. 93) assinala que não existe oposição entre o grosseiro mapa mundi feito por uma criança e um mapa elaborado com imagens naturalistas: toda arte tem origem na mente humana. As categorias de classificação das impressões sempre podem ser ajustadas às nossas necessidades, conforme propõem Alvares & Passos (2009, p. 82-3).

Para Maruyama (2001), sem o sentimento de humanidade, entendido também como princípio de identificação à espécie, não há engajamento possível. Pode-se deduzir que a imagem pode ser instrumento de comunicação e de engajamento, especialmente se tiver relações diretas com a percepção ambiental.

Merleau-Ponty (2004, p. 1) afirma que o mundo da percepção, isto é, o mundo que é revelado pelos sentidos e pela experiência de vida, parece ser o que mais é dominado e conhecido, pois não são necessários instrumentos nem cálculos para ter acesso a ele. Contudo, isso não passa de uma falsa aparência.

Ora, um documento gráfico, visual, de apoio a difusão da informação sobre memória urbana tem muito a ser destrinchado.

1.3 METODOLOGIA

De modo geral, o trabalho realizado caracteriza uma pesquisa descritiva, de base qualitativa, porque o objetivo geral é descrever os dados (os objetos da memória urbana).

Para Gil (2002), uma pesquisa exploratória e qualitativa busca familiaridade com a questão porque o objetivo principal é o aprimoramento de ideias.

A organização de um estudo exploratório é flexível e proporciona a consideração dos mais variados aspectos relativos à realidade estudada, envolvendo: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas (se necessária), e análise de informações (Gil, 2002).

A natureza qualitativa é justificada, pois busca conhecer o fenômeno estudado. O estudo qualitativo é o mais utilizado nas ciências sociais e procura descrever e entender o fenômeno estudado a partir do contexto em que este se manifesta. A pesquisa qualitativa tem como fonte de pesquisa valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e dispõe mergulhar na complexidade de fatos e processos e específicos a indivíduos ou grupos.

2 OS SUJEITOS E SUAS PERCEPÇÕES

Para esta pesquisa foram selecionados quatro sujeitos que passaram a maior parte de suas vidas em Florianópolis e que foram moradores da região central em algum momento de suas vidas. Eles foram selecionados a partir do interesse em comum pela cultura local, e mais especialmente pela história do centro urbano. A partir de um primeiro contato com o sujeito 1, os outros indivíduos foram indicados.

Tabela 1 – Sujeitos da pesquisa

	Idade	Sexo	Escolaridade
Sujeito 1	59	Masculino	Mestrado
Sujeito 2	43	Masculino	Mestrado
Sujeito 3	83	Feminino	Ensino médio
Sujeito 4	50	Feminino	Graduação
Média de idades	58,75		

Fonte: autora (2021)

2.1 SUJEITO 1

O Sujeito 1 morou no sul da ilha no Rio Tavares até seus 27 anos, depois, e até hoje, mora na região central. Ele trabalhou na UFSC, no bairro Trindade, de 1976 até 2014.

Ele conta que, na década de 1980, quando teve a preparação do cursinho para fazer vestibular, frequentava a área central no período noturno e percebia o calçadão (Rua Felipe Schmidt) como um ponto de ligação: o coração da cidade. “A gente percebe que antes havia todo o fluxo, uma familiaridade no centro. Hoje a gente percebe que isso foi esvaziado: mesmo

a área central dá a impressão que era um dormitório, mas nem isso ela é mais – muitas lojas fecham e abrem numa rotatividade grande.”

Segundo ele, é perceptível o abandono e não se vê nem um esforço em ocupar área central, mas os *shoppings* e outros centros atratores fora do centro meio que deixaram o centro abandonado. Onde antes havia uma frequência grande de comércio de pessoas hoje está abandonado e até perigoso durante alguns momentos. “Falta algo que seja atrativo para que o centro volte a ter esse convívio: a gente tinha as paradas no calçadão, tinha os cafezinhos, tinha as lanchonetes.” Antes você ficava conversando na Praça XV e nos arredores, diz ele, mas hoje raramente as pessoas se sentam para bater papo ali, então talvez uma política transmitisse essa segurança para que as pessoas possam ter um convívio na área central novamente.

Não tem horário, mas quando vai chegando o final da tarde a coisa vai realmente ficando abandonada. Às vezes ele caminha nos finais de semana pelo centro e o percebe totalmente vazio, não tem nenhum atrativo. Inclusive, ele destaca, encontra pessoas que são de fora, que são turistas, “perguntando para a gente onde é que tem um local para almoçar ou para jantar; e a gente não tem como indicar na área central”. Ele as encaminha para a Beira Mar ou para as praias.

Nos anos 1980 ele costumava frequentar o calçadão na altura do centro comercial *ARS*. Ali havia cursinhos pré-vestibular – *Barriga Verde, Barddal* –, então todo mundo que frequentava os cursinhos se concentrava naquela área. “Havia um grande grupo de jovens que se concentrava para conversar antes do início das aulas, o que era prazeroso porque o próprio fluxo do calçadão era como se fosse uma passarela.” Há outros pontos, como lojas que lhe eram mais familiares, como a *Modelar*, a loja *Machado* e as casas *Santa Maria*. As famílias acediam ao centro juntas para as compras nesses comércios tradicionais, que tinham como atrativo o valor do produto e a forma de venda, de negociação e parcelamento.

Além dessas funções de compras, sociais e de estudo, o Sujeito 1 destaca o valor da região central em relação às práticas religiosas tradicionais, algumas das quais se tornaram patrimônio imaterial tombado. É o caso das procissões do Senhor Jesus dos Passos, que acontecem todos os anos no período que antecede a Páscoa. Há um troca de imagens entre a Catedral Metropolitana e a Capela Menino Deus, situada junto ao Hospital de Caridade, e separados por algumas quadras.

Havia a participação das famílias, com a decoração de suas casas: “hoje a procissão sai do hospital e passa pela Rua Tiradentes, mas não temos ninguém mais que resida nas casas hoje (ou são comércio ou estão fechadas). Não existe mais aquela parada das famílias que ficavam na janela participando da procissão.” Só há residências nos edifícios. As casas residenciais de

outrora não abrigam mais famílias. Muitos dos que acompanhavam a procissão morreram ou resolveram sair daí por falta de segurança. “Então ninguém mais quer morar na casa que seja baixa, querem apartamento, que lá eles acham que têm uma maior segurança.” O roteiro da procissão continua sendo o mesmo nesses anos, mas antes havia tochas na procissão noturna, era criada toda uma ambientação com um silêncio respeitoso e a iluminação direta que as pessoas carregavam. Atualmente a forte iluminação pública se sobrepõe, com o monitoramento por câmeras de segurança por parte da polícia, alterando fortemente o ‘clima’ da procissão.

Além de tudo isso, chamamos Florianópolis de cidade turística, mas não há cuidado com o patrimônio, segundo ele. “A gente tinha casa antiga, de repente é arrasada e nasce um espigão.” Não pode haver turismo sem conservação porque não são só as praias que têm a beleza e o atrativo. “Dá a impressão que o poder público deixa destruir e não tem uma política de conservação, quer dizer até os órgãos de fiscalização existem, só que não há recurso para ajudar aquilo a conservar ou um planejamento adequado para que se conservem.” Então a área central está descaracterizada em sua arquitetura. “A gente tem área central como o museu, né?” É preciso ter uma manutenção inteligente dos edifícios antigos, históricos ou não, para que não fiquem fechado tempo demais, como foi o caso da Casa de Câmara e Cadeia na Praça XV de Novembro.

2.2 SUJEITO 2

O sujeito 2 nasceu e se criou na região continental de Florianópolis. Sua referência é o bairro do Estreito, sempre dependendo da ponte como transição de passagem. Ele começou a frequentar o centro diariamente a partir do ensino médio, quando foi estudar em um curso técnico na região da Avenida Mauro Ramos. Esta nova fase de sua vida foi para ele como um espaço de descoberta, sem depender da família para transitar pela cidade.

“O centro traz um espaço em que eu me sinto em casa porque daí as minhas escalas de vivência saíram da cidade.” Era uma época em que ele também não tinha carro e dependia realmente de uma distância que pudesse percorrer a pé: o centro era esse espaço – “onde eu podia descobrir coisas novas e não estava tão distante, tão inacessível do bairro que eu tinha como referência.” Ele conta também que hoje em dia sua escala é outra, sua escala de exploração tem dimensões outras e se surpreende por nunca haver colocado isso em palavras. “A cidade passa a ser a minha referência de um bairro como Estreito, e o Centro para mim é um espaço que me traz uma ideia de um quintal de casa, que eu tô muito perto, perto desse lugar

onde eu não preciso pensar muito, não preciso me preocupar muito para discernir, como se ele não fosse um local pelo fato de ser conhecido.”

Ele lembra de outras idas ao centro, na infância, para fazer compras com os pais ou para ver os blocos de sujo durante o Carnaval. “O centro de Floripa é o lugar que eu guardo a minha coleção de lembranças desses diferentes períodos da vida. Porque eu contei como é que o centro começou a ter uma relevância maior para mim, mas já tinha desde que eu era criança.”

Mesmo tendo ido morar em outra cidade, sempre que retorna a Florianópolis, e isto acontece com frequência, ele tem no centro da cidade o seu espaço de retorno: “ir para o centro era muito legal, mas as minhas lembranças mais recentes do centro são isso: eu vou porque marquei com alguém para encontrar lá para ficar circulando pelo centro da cidade - porque eu sabia que eu não ia ter esse ano e que eu não ia fazer isso. Nossa, uma coisa muito prazerosa, um baita prazer!”

Ele lembra do prazer que é pegar um táxi para ir a um bar na rua Francisco Tolentino, por exemplo. Não que ele gostasse muito do bar, mas o fato de ir para o centro, para um lugar conhecido, era uma sensação tremendamente reconfortante. Ele narra, então, como se dá conta disso agora: “às vezes não é tão legal sair na rua em Floripa, às vezes tá chovendo ou tá com vento ou tu te sentes inseguro, mesmo para ficar nessa sensação de liberdade”. Ainda assim, ir ao centro encontrar com os amigos e voltar tarde da noite para casa (na região continental) lhe dava esta sensação do centro como um local de passagem, onde ele não pretendia ficar, mas que lhe era aconchegante enquanto vivia estes compromissos.

“Eu tenho várias fases por Floripa, eu tenho essa relação, mas no centro mesmo, né, que tanto é que se eu tivesse que buscar um lugar para morar em Floripa seria o centro. É meu lugar predileto para ir, para imaginar.” Segundo ele, o centro de Floripa o faz pensar o quanto que gosta dos espaços urbanos consolidados da cidade. “Ele tem vários aspectos históricos em questão de memória, em questão de infraestrutura urbana, em questão de movimento de pessoas, de diversidade e de arquitetura de espaços consolidados, tanto como áreas livres públicas”. É o centro que congrega tudo isso, ele conclui. Esta região consolida o que não se encontra em outros bairros. Não há o mesmo na Lagoa ou no Estreito. O centro faz a intercessão, ele intermedia tudo isso. “Mas ele tem um caráter cívico muito forte porque ele liga tudo isso, ele tem uma ligação com as outras redes muito forte, todas as outras redes se fragmentam, tem um caráter de ligação muito forte. Fisicamente é ele que define muito isso por conta da ligação das pontes principalmente.”

Ele conta de pessoas da Palhoça (cidade da Grande Florianópolis) que procuram lugares para morar no Estreito para estarem mais próximas do centro para fugir do trânsito da Via

Expressa ou do movimento de lá da BR-101. Para ele o distrito sede tem um caráter muito forte e esse aspecto se mantém sob controle em função das pontes. Ele também fala de disputa por terrenos e falta de consenso esses poderosos políticos e empresários, que é o que causa entrave em decisões de planejamento urbano e transportes.

Quanto às áreas ligadas a sua memória afetiva, ele diz ficar dividido porque “tem áreas que eu sei que eu gosto, mas que deixaram de ser, e que daí tem um pouco de saudosismo meu”. São regiões que mudaram muito rápido ou ficaram violentas. Ele cita a região central entre a Praça XV de Novembro e a Avenida Hercílio Luz, que mudou muito radicalmente pelo fato de ter sido depreciada, “pro lado dos Correios pro lado da Tiradentes, por ali era uma área muito viva, eu ia muito para lá por conta da Escola Técnica, por conta do *Clube 12 de Agosto* e por conta da loja da minha tia – por ali, perto do antigo terminal de ônibus”. Ele também frequentava um grupo de escoteiros mirins do mar, cuja sede era na antiga Capitania dos Portos, na mesma região. Ele acredita que depois que o terminal de ônibus urbanos saiu dali a região foi depreciada, mas que há interesses econômicos que querem “tomar conta” dos imóveis, causando a gentrificação para que se possa, mais tarde, realizar outro tipo de expansão imobiliária. “Eu gostava muito dessa área, até já passei carnavais ótimos ali no *Roma* (refere-se a um bar tradicional). Tudo isso se perdeu.”

Porém, ele destaca outras regiões, como a da Rua Trajano, e nas cercanias da Rua Esteves Júnior com a Avenida Rio Branco, como espaços que têm uma qualidade muito interessante também. “Eu gosto muito de circular por ali, gosto muito de andar por ali porque também é uma área que é mais atendida pelos interesses públicos e administrativos da cidade, então acaba sendo também um espaço atraente”.

Ele também reflete sobre as pessoas que moram em determinados bairros e não circulam por outros, como pessoas que moram no centro e nunca circulam pelo continente, considerando o periferia e confundindo-o com a cidade vizinha, São José, por exemplo. “A fronteira entre as duas cidades é uma área muito nojenta, mas isso é em geral, todas as fronteiras são assim, tudo que é fronteira administrativa é renegada”. Mas as principais fronteiras em Florianópolis são o mar, então muita gente acha que a cidade acaba onde começa o mar. O Sujeito 2 define o centro a partir das pontes, que são sua entrada, e não o *Ponto Chic*, como ele diz, que é um café tradicional do calçadão da Rua Felipe Schmidt.

2.3 SUJEITO 3

O sujeito 3 nasceu em Lages, mas criou-se na área central de Florianópolis. Seus pais tinham comércio: primeiro no Mercado Municipal, depois no calçadão da Rua Felipe Schmidt. Ela nunca morou em outro lugar e também sempre trabalhou no centro.

Primeiramente ela morou na região plana entre o morro do Hospital de Caridade e a Avenida Hercílio Luz, onde atualmente situa-se o *IEE*. Por ali havia um conjunto de casas, o Largo 13 de Maio, onde agora é a Rua Menino Deus. Ela lembra de, na infância, no começo dos anos 1940, escorregar do gramado da ladeira do hospital sentada em folha de palmeira. Também de uma gruta e um lago com peixinhos que havia no hospital onde sempre ia brincar, e do tumulto causado por sua prima Consuelo ao cair no dito lago. “As freiras a cobriram com lençol para secá-la, foi uma correria danada.” Em uma época do ano as árvores da rua eram podadas e ela, acompanhada das crianças da região, faziam cabaninhas para brincar. Havia também uma prainha ao lado da Capitania dos Portos, onde aprendeu a nadar.

O evento anual principal era a procissão do Senhor dos Passos. “Aguardávamos com ansiedade e até comprávamos roupas novas para assistir.” Nestas ocasiões as ruas eram enfeitadas e colocavam toalhas roxas nas janelas. Para ir ao centro ela passava pela Ponte do Vinagre, que passava pelo atual Rio da Bulha, conhecido apenas como Rio da Avenida.

Mais tarde, sua família mudou-se para a Rua Álvaro de Carvalho. “No quintal havia um abacateiro que a minha mãe plantou. Eu tenho lembrança muito boas porque as minhas amigas vinham de fora, de outras cidades, passar o Carnaval lá em casa e a gente se divertia muito.” Ela passava o Carnaval no *Clube 12 de Agosto*, mas ia apreciar os blocos conhecidos da época na Praça XV e no Calçadão. Ela se recorda do *Bororó*. Além disso, ela descreve a prática do *footing*: os rapazes ficavam parados na calçada em frente ao Palácio do Governo e as moças ficavam passando “pra lá e pra cá”, em frente a eles. Isto acontecia em qualquer dia da semana, mas especialmente no fim do dia. Às sextas-feiras costumava ir ao cinema, especialmente ao Cine *Ritz* (na Rua Arcipreste Paiva), à Sessão das Moças.

Ela também tem boas lembranças do *Miramar*, que era um bar que ficava sobre um trapiche sobre o mar, na altura da Praça XV de Novembro. Também costumava ir à Praia de Fora, que ficava na Beira Mar, para tomar banho de mar, onde havia mais movimento.

Ela frequentava a Catedral e a capelinha do Senhor dos Passos. A igreja São Francisco mais raramente. De sua relação com a Ponte Hercílio Luz, ela lembra de jantar com amigos em churrascaria no Estreito e de voltarem a pé frequentemente. A ponte ainda tinha piso de madeira. Atualmente ela reside na região próxima à antiga rodoviária e gosta de ir ao centro a pé, de ônibus ou de carro. Gosta de ir no Mercado Público e de ver as lojas.

2.4 SUJEITO 4

A Sujeito 4 nasceu e criou-se na área central de Florianópolis. “Quando eu nasci os meus pais moravam no bairro chamado José Mendes, num lugar intitulado de Curva do *Madalona*, ao lado do Clube Penhasco. Ali na frente existia uma prainha, ao lado da antiga fábrica da *Coca-Cola*, onde minha mãe me levava para pegar sol quando bebê.” Quando ela ainda nem tinha um ano de idade, seus pais se mudaram para um sobrado que ele havia construído na Rua Fernando Machado, esquina com Rua General Bitencourt. Ela e sua irmã andavam por todo o centro com sua mãe. Ela lembra bem da pintura do teto da Catedral e do percurso até o jardim de infância do *Colégio do Coração de Jesus* – ela lembra que eram casas de madeira. E também dos passeios, com a professora do colégio e sua turminha, ao Parque *Dona Tulinha*, na Praça Getúlio Vargas, conhecida como Praça dos Bombeiros. A professora levava as crianças descalças para esta aventura. Depois ela se mudou para a Rua Cruz e Souza por alguns meses, enquanto seu pai construía uma nova casa em frente ao Senac, na Avenida Silva Jardim. Ali ela morou dos cinco aos dez anos, onde tem lembranças de andar sozinha pela vizinhança e de aprender a pedalar. “Foi na época da construção da Ponte Colombo Salles, eu lembro bem do aterro.” Ela, a irmã e alguns vizinhos às vezes ‘fugiam’ para ir brincar nos montes de areia das obras do aterro, e ela acompanhou a colocação dos tubos de drenagem do aterro da Baía Sul. A inauguração também é um marco: foi no dia em que ela completou oito anos.

Com menos de dez anos de idade ela e a irmã andavam sozinhas com segurança. Ela recorda-se das idas à Padaria *Natal*, que foi uma padaria famosa na época – em frente ao *IEE* (Instituto Estadual de Educação), na esquina com a Rua Laura Caminhameira. Uma vez elas fugiram de casa com os meninos da rua: subiram em direção ao necrotério e andaram por todos aqueles morros e matos. Existia um mito de que os bandidos da época escondiam as mercadorias que roubavam ali no morro, na Pedra do *Zaru*. “Chegamos em casa de noite e quase apanhamos, ficamos de castigo.”

Íamos de carro para o colégio e muitas vezes voltávamos a pé com tranquilidade. No caminho havia o primeiro mercado grande da cidade, A *Soberana*, localizado na Avenida Mauro Ramos. Passávamos para comprar guloseimas. Mas havia também a *Casa dos Confeitos*, que ficava na esquina da Rua Fernando Machado com a Rua dos Ilhéus, quase na Praça XV. Era uma loja de doces com artigos para festas da qual eu gostava muito.

A subida do Hospital de Caridade sempre foi pela ladeira da Rua Menino Deus e a descida, naquela época, era pela rua que ficava ao lado da nossa casa. Lá em cima havia um

necrotério, e as pessoas que morriam no hospital eram veladas ali, então “nós víamos sempre os cortejos que passavam ali e passavam ao lado da nossa casa para irem para os cemitérios.”

Outra coisa da qual se lembra eram os cortejos policiais de políticos e personalidades que chegavam do aeroporto. Especialmente por ser na época da ditadura, essas autoridades eram muito reverenciadas. “Eu me lembro quando a Vera Fischer foi *miss* e foi recepcionada. As pessoas iam pra rua pra ver quem estava chegando na cidade pelo aeroporto.”

Durante a adolescência, sua família mudou-se para a Avenida Mauro Ramos, em frente à antiga rodoviária. Todos os ônibus intermunicipais e interestaduais paravam ali. Atualmente na região é uma centro de comércio. Na sua frente ficava outro grande supermercado, a *Cobal*. Morou ali dos 10 aos 13 anos, mas depois mudaram-se para a Avenida Hercílio Luz, na divisa com o jardim do Provincialado do *Colégio Coração de Jesus*, em frente a Praça Olívio Amorim. Suas recordações envolvem muitas idas ao centro, especialmente o caminho pela Rua Vidal Ramos em direção à Rua Esteves Júnior, onde morava sua avó. Ainda nesta época andava com tranquilidade pelo centro, mesmo à noite. Participou de movimento na Catedral, frequentando missas e reuniões. Também fazia curso de inglês no *ARS*, no Calçadão. “Ah, eu lembro também de quando o *ARS* foi construído, o *Aderbal Ramos da Silva*, foi o 1º centro comercial maior que a cidade teve, onde foi colocada a primeira escada rolante de Florianópolis.” Foi no final da década de 1970.

Eu tinha por volta de 13 anos na época da Novembrada. Nós tínhamos aula de inglês no *ARS*, mas o pai chegou em casa dizendo que não deveríamos porque estava havendo uma manifestação contra o *presidente*. Também teve uma queda de avião com muita gente conhecida da cidade no Ratonés nesta mesma época.

O Calçadão também havia sido construído nos anos 1970 e sempre passávamos na Confeitaria *Candy* para comer empada de camarão, em frente ao famoso *Ponto Chic*. Nosso pai frequentava o *Ponto Chic*, a esquina sempre ficava cheia. Outra lembrança de antes do Calçadão era o Carnaval. As escolas de samba passavam por ali e davam a volta na Praça XV. As procissões do Senhor dos Passos também sempre foram marcantes, especialmente porque seu pai fazia parte da Irmandade.

Mais tarde, quando já era universitária, na década de 1980, frequentava os bares da Beira Mar. Havia o bar *Vagão*, a boate *Baturité*, o bar *Yellow*, a boate *Shampoo*, o *drivein Kaiskidum* – que servia lanches no carro. As festas universitárias aconteciam na Beira Mar, na boate *Dizzy*, na boate *Shandon*. Havia um bom lugar chamado *Lugar Comum* onde ia tomar sopa e comer polenta na cabeceira da Ponte Hercílio Luz depois das festas. Outra lembrança era ir ao cinema do *CIC* (Centro Integrado de Cultura, que fica na Agrônômica, fora da região central) e depois

ir comer crepe no *Degrau*, que ficava na Rua Vidal Ramos, na década de 1980. Quando a rodoviária *Rita Maria* foi inaugurada em 1982 abriu lá um bar que servia uma famosa canja para onde ela ia com os amigos depois das festas. “Esta rodoviária nova foi um ponto de encontro legal”. Sob a Ponte Hercílio Luz também ficava o bar *Arataca*, do qual também tem muitas lembranças boas.

Sua bisavó, chamada de Vó Zezé, morava na Rua Anita Garibaldi, mas mudou-se, em meados da década de 1960, para um dos primeiros edifícios com mais de dez andares da cidade, o *Brigadeiro Fagundes*, na Rua Tenente Silveira, ao lado da Praça Pio XII, atrás das *Lojas Americanas*. “Foi o primeiro edifício em que nós andamos de elevador.” Do apartamento dela, no 8º andar, era possível avistar o Hospital de Caridade: não havia outras construções altas no centro. Desta época até 1976 a sua avó morava num chalé na Avenida Rio Branco, onde funciona um *China In Box* há muitos anos, próximo da atual loja *Havan*, cujo edifício foi construído inicialmente para abrigar um *Pão de Açúcar*. Para lá ela e a irmã iam com a avó para comprar pão de meia-lua (como chamavam o *croissant*), que comiam junto com as rosquinhas de polvilho que a Vó Carmen fazia. Aquela padaria era a primeira a vender *croissant* na cidade. Elas iam à casa da avó de carro, levadas pelo pai, ou de ônibus circular. “Outra coisa que eu lembro bem dessa época era da fila do congestionamento que existia pra saída da cidade pela Ponte Hercílio Luz.”

Ela lembra do *Lindacap*, como um dos melhores restaurantes da cidade, com muito carinho, onde a família costumava ir aos domingos. O Parque da Luz, ali em frente, não tinha nem árvores, e era onde os circos, como o *Tiane* (famoso pelas águas dançantes) se instalavam. Contornando o parque, havia a sorveteria *Ilhabela*, popular especialmente nas tardes de domingo do verão na década de 1970. Na Praça XV havia o restaurante *Polli*, com uma sacada para a Praça XV, e a Padaria *Brasília*, que tinha a melhor bomba de chocolate do sul do mundo, para ser comida com laranjinha *Max Willian*, guaraná *Pureza* ou *Chocoleite* de Jaraguá do Sul. O sonho de consumo na infância era a loja *Miscelânia*, um antigo casarão geminado na Rua Conselheiro Mafra, que era especializado na venda de brinquedos – numa época em que o país ainda não era ‘aberto’, ou seja, tinha altas taxas para importação de produtos e não havia a variedade dos dias atuais. Ela ri enquanto constata que lembra mais das comidas e das diversões.

3 ANÁLISE DOS DADOS

As memórias afetivas do grupo pesquisado podem ser classificadas em memórias ao longo do tempo: infância, adolescência, juventude, fase adulta; mas também podem ser divididas em diferentes áreas da vida. Esta afetividade está fortemente ligada às relações

familiares e aos grupos sociais – de estudo, religiosos, de trabalho, políticos, de negócios. Assim, percebe-se que os indivíduos estão profundamente vinculados às suas percepções de diferentes épocas e seu saudosismo ao lugar o remete àquele tempo.

Os dois primeiros sujeitos, masculinos, direcionaram suas observações para o ambiente de forma mais genérica que os sujeitos femininos – que incorporaram suas experiências pessoais às narrativas: todos os lugares citados estão ligados a momentos. Eles focaram na perda da segurança e na interferência do poder público. Fica claro, nos relatos, que os lugares que permaneceram mais tempo em suas rotinas foram marcantes, e quando apresentam características mais efêmeras, causam menos impacto e menor afetividade.

Todos buscam lembranças de espaços mais perenes, ou de maior tradição, para alicerçar suas memórias. Isto acontece com os comércios familiares que ofereceram seus produtos e serviços por décadas e com os ritos religiosos que já estavam estabelecidos gerações antes de suas chegadas e mantêm-se até hoje – embora modificados. Mostra-se como elemento fortemente ‘enraizador’ de um cidadão esta referência a locais da cidade com os quais ainda pode identificar-se e que a perda desta identidade gera, muito mais que uma nostalgia, uma perda no sentido do lugar. Determinadas regiões da cidade tornam-se assim, não lugares, pois não agregam, não evocam lembranças de forte afetividade por parte de seus cidadãos. Pode-se perceber como isso afeta suas relações e ações de cidadania.

Constata-se, por fim, a relevância do entendimento dessas memórias quando se pensa em planejamento, na criação de trajetos e roteiros culturais – sejam históricos ou turísticos. As narrativas apresentadas neste breve artigo poderão, ser analisadas por marcação de localização (espacial) e de registro de duração (temporal). Assim sendo, os itens assinalados como representativos para a memória afetiva dos indivíduos poderão ser referenciados, gerando nebulosas inter-relacionais para registro, disponível para variados usos.

4 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

5 REFERÊNCIAS

Alvares, Johnny, & Passos, Eduardo (2009). Cartografar é habitar um território existencial. Cap. 7. P. 131-149 in Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana da (Org.). *Pistas*

do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina.

Azevedo, Maria Thereza (2013, July). *Passeio de sombrinhas: poéticas urbanas, subjetividades contemporâneas e modos de estar na cidade* (v. 7, n. 2, p.140-146). Agenda Social, Campos dos Goytacazes. Semestral.

Claval, Paul (2001). *A Geografia Cultural*. Florianópolis: UFSC.

Flusser, Vilém (2007). *O Mundo Codificado*. São Paulo: Cosac Naify.

Gil, Antonio Carlos (2002). Amostragem na pesquisa social in *Métodos e técnicas de pesquisa social* (Cap. 9, 98-106 p.). 5 ed. São Paulo: Atlas.

Gombrich, E. H. (1995). *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.

Gonçalves, Teresinha Maria. (2007) *Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano*. Ijuí: Unijuí.

Maruyama, Natalia (2001). *A contradição entre o homem e o cidadão: consciência política segundo J. J. Rousseau*. São Paulo: Humanitas - USP.

Merleau-Ponty, Maurice (2004). *Conversas: 1948*. São Paulo: Martins Fontes.

Pimenta, Emanuel Dimas de Melo (1999). *Teleantropos*. Lisboa: Estampa.

Sevcenko, Nicolau (2001). *A Corrida para o Século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras.